

Editorial

Por dois motivos pelo menos, este pode ser considerado um número comemorativo da *Saúde e Sociedade*.

Do ponto de vista do mercado editorial, a crescente exigência de publicação pela Capes tende a conduzir à criação de novas revistas, além de promover o fortalecimento de revistas e editoras já existentes. Estas, por sua vez, lidam com critérios de classificação cada vez mais requintados com vistas à internacionalização da produção acadêmica. Foi com satisfação que recebemos a notícia de que nossa Revista agora é B2 na área de Saúde Coletiva, com base na atualização desses critérios.

A maioria dos textos recebidos constitui trabalhos concluídos em diversos níveis de formação dos autores, abrangendo desde o estágio de Iniciação Científica até os de formação pós-graduada que, aliás, retroalimentam a avaliação dos Programas de Pós-Graduação.

Existe, assim, um circuito de produção de artigos que vem sendo objeto de reflexão de autores e de editores, de quem recebe variável carga crítica. Apesar de certo desconforto, este processo, apropriadamente designado por *produtivismo*, é questionado por alguns ou exaltado por outros; de qualquer modo, é a partir dele que a ciência que produzimos atualmente tem “existência” e visibilidade. E é neste circuito, ainda, que se espera da produção, sobretudo acadêmica, o exercício de reflexões críticas.

Se, por um lado, a mais recente pontuação da Revista pode ser resultante dos esforços empreendidos nessa direção, por outro lado nos conduz a rever e aperfeiçoar constantemente os parâmetros de avaliação de artigos recebidos. Esta tem sido uma prática recorrente nas reuniões do Conselho Editorial, requerendo discernimento e postura crítica diante da quantidade sempre crescente de artigos recebidos e da dificultosa pontualidade de retorno aos autores, simultaneamente à consolidação do nosso perfil editorial.

Tendo a perspectiva crítica como traço das ciências sociais e a relação saúde-sociedade proposta no perfil da Revista, os artigos de Ana Maria Canesqui

e Maria Andréa Rios Loyola abrem o temário deste número da Revista, abordando o tema central do V Congresso Brasileiro de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado em 2011 em São Paulo.

É interessante observar que esses artigos “dialogam” com o de Madel T. Luz, publicado no primeiro número de 2011 da *Saúde e Sociedade*, como desdobramento do II Encontro Paulista de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, realizado em 2009 por iniciativa da Revista e da Associação Paulista de Saúde Pública.

Naquela ocasião, Luz relacionava a crescente exclusão econômica de expressivos segmentos populacionais da nossa sociedade à presença, em todas as formas de interações sociais, de valores “mortíferos” antipessoais e antissociais como o individualismo e condutas aéticas, dentre outros. O ambiente e o trabalho intelectual não escapam do avassalamento generalizado das condições de vida, resultando em diversas formas de adoecimento, destacadamente estresse e doenças crônicas. Na esfera das áreas de conhecimento, a difusão de metodologias das ciências humanas e a ampliação de temas relacionados à saúde são visivelmente reconhecidas pela magnitude de artigos publicados com essas feições.

Sabemos, no entanto, que essa disseminação/aceitação tem tido um alto custo para as ciências sociais e humanas, que é o da incorporação meramente instrumental de categorias que deveriam passar por crivos interpretativos fortemente amparados por teorias que não são nem tão propagadas nem totalmente assimiladas nas pesquisas feitas. Cientistas sociais e outros profissionais que atuam no campo da saúde coletiva têm apontado a questão das fragilidades teóricas - para não dizer superficialidade - na formação pós-graduada em saúde coletiva. Elas ganham visibilidade no âmbito das revistas, quando as pesquisas são transformadas em artigos encaminhados para publicação.

Nas relações com as demais ciências do campo essas fragilidades se traduzem em dificuldades de interlocução entre as áreas de conhecimento, e contribuem para a pecha de “subjetivas” ou “não ri-

gorosas” atribuída às ciências sociais pelas demais. Ainda que os fins colimados sejam compartilhados pelas áreas, as diferenças entre os léxicos e as epistemes conduzem a práticas também diferenciadas mas de difícil reconhecimento mútuo. Este último aspecto também é destacado por Ana Canesqui e Loyola.

Críticas, reflexivas e não pragmáticas - assim Canesqui denomina as reflexões epistemológicas, sociológicas e históricas clássicas das ciências sociais às voltas com os saberes e práticas biomédicas. Para abordar o lugar das ciências sociais e humanas no campo da saúde coletiva, a autora seleciona artigos publicados em sete revistas do campo a partir da auto-referência à pesquisa qualitativa.

Comparando com os resultados de uma pesquisa anterior, Canesqui aponta inovações interessantes ocorridas no intervalo de 16 anos considerado, e chama nossa atenção para aspectos que não deixam de ser inquietantes do ponto de vista dos lugares ocupados. É o caso do emprego majoritário de teorias de médio alcance que, aliado a abordagens unidisciplinares, resulta em ausência de interlocução com as demais ciências do campo.

Loyola por sua vez, demarca o lugar das ciências sociais no campo acadêmico da saúde coletiva, e o toma enquanto sistema social do qual essas ciências constituem a base mesma: seu aporte teórico e metodológico sobre a dimensão social da saúde e da sociedade alicerça o conhecimento produzido no campo. Segundo a autora, o fato de aí não ocuparem lugar central deve-se à ênfase cada vez mais crescente em torno do vocábulo e das práticas de *saúde*, seja como produção de conhecimento seja como atividade de intervenção profissional e/ou política. Esse deslocamento não se faz sem problemas, tanto para as ciências sociais “aplicadas” à saúde como para o próprio campo em questão: ao invés da busca de construção de conhecimentos que dêem conta da complexidade do campo, vemos acirrar-se tensões entre as áreas que o constituem. Outra questão instigante do artigo refere-se à perda da concepção original da saúde coletiva, apontada pela autora como uma consequência nefasta - talvez passageira - deste processo.

Se tomarmos a relevância dos marcos histórico e epistemológico no processo de construção de conhecimentos, estes dois artigos balizam os demais aqui apresentados e destacam atributos caros aos nossos critérios de publicação - as imprescindíveis bases teóricas do campo da saúde coletiva, o rigor e a ética e o exercício da crítica.

Foi a partir de recortes teóricos e metodológicos que Mazza e Vasconcellos analisaram o cotidiano na investigação em saúde pública. Castro e Silva, Nakamura e Mendes, por seu lado, tomaram a ética e a dimensão da autonomia para analisarem a formação em pesquisa qualitativa. E Maciel-Lima e Rasia consideraram a dimensão subjetiva impregnada na interpretação de imagens entre integrantes de equipe de transplante hepático.

Contamos também com a contribuição de três estudos exploratórios de autores estrangeiros versando sobre conhecimentos da população moçambicana a respeito da malária; sobre a visão de usuários e profissionais acerca do sistema nacional de saúde espanhol; e sobre desrespeito à cultura de origem nas relações desiguais de poder entre profissionais e mães imigrantes de Cabo Verde assistidas nas consultas médicas em Portugal.

Alguns artigos versam sobre temas recorrentes na *Saúde e Sociedade*: segurança alimentar, participação social e saúde mental e sofrimento psíquico. Sua inclusão neste número deve-se justamente ao foco apresentado, seja do ponto de vista das políticas de saúde, seja com relação a grupos sociais ainda pouco abordados, como o caso da síndrome do *burnout* entre docentes ou à sobrecarga de trabalho de agentes comunitários de saúde.

Com a expectativa de proporcionar uma leitura proveitosa e reflexiva, há ainda artigos “oxigenados” por abordagens renovadas, tais como satisfação sexual entre homens idosos, visão ampliada da relação entre exercício físico e qualidade de vida e percepção sobre o corpo a partir do contato com a Medicina Tradicional Chinesa.

Mara H. de Andréa Gomes
Pelo Conselho Editorial